Prefácio

Ana Maria Fernandes Pitta

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PITTA, A.M.F. Prefácio. In: YASUI, S. *Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 9-12. Loucura & Civilização collection. ISBN 978-85-7541-362-3. <https://doi.org/10.7476/9788575413623.0001>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

Aqui a vida é Severina, e a loucura também!

Silvio Yasui é o nosso Severino sobrevivente, na descrição do mundo da loucura no Brasil, tomando recortes de diferentes lugares por onde passou, em narrativas de rara delicadeza e acuidade.

“Severino foi à busca do mar e encontrou a pobreza, a morte, a dor, mas também a esperança no espetáculo da vida”. E é de esperança que vamos falar doravante, nos capítulos muito bem articulados deste livro, que retratam a trajetória do autor e sua visão particular da Reforma Psiquiátrica brasileira com tal cuidado que nos faz viajar junto, tal o seu rigor narrativo. Sempre ancorado na crítica leitura de uma bibliografia disponível e, sobretudo, na sua experiência como protagonista de diferentes experiências em instituições psiquiátricas e de saúde mental no Brasil.

Lembro Silvio, quase menino, recém-formado, um bravo psicólogo a liderar um grupo de psicólogos ainda mais jovens, num programa de aprimoramento técnico no velho hospício do Juqueri. Transformou algumas coisas, lutou sempre. Lutou tão bravamente que o expulsaram de lá, nos fins dos anos 80.

A brutalidade com que humanos subjugam humanos a condições vis, utilizando-se de argumentos, ora ‘científicos’, ora tutelares, para excluir a desrazão humana da cena principal, escondendo-a no porão, sensibilizou Silvio desde sempre a querer transformar o seu mundo de referência. A excitação pela possibilidade concreta de mudar a história talvez seja a maior regularidade na sua trajetória.

Seu comportamento ético o levou até a rua Itapeva, 700, onde o acolhemos. Coube a mim entrevistá-lo e convocá-lo para se juntar aos que davam sentido à ideia do primeiro Centro de Atenção Psicossocial (Caps) Luiz Cerqueira, na Bela Vista, em São Paulo, que, por oportunidade, desejo e destino, me coube começar. Ali encontrou Jairo Goldberg, Sandra Fischetti, Nerse Reparch, Jonas Melmann, Carlos Videira, Ana Luiza Aranha, Sonia Barros, Adalberto, Sergio Urquiza, Tiana, Emiron e tantos outros e outras que fizeram e fazem real aquele sonho.

Ali pude acompanhar a sua sensibilidade clínica e de reabilitação psicossocial, plenamente articuladas. Seu violão bem afinado atraía pessoas, harmonizava espíritos, estabilizava delírios e alucinações, que o seu estilo *zen* de escuta tratava de ouvir e decifrar, para transformar temores em modos de viver a vida.

Estivemos juntos na primeira iniciativa de aproximar “fazejamento” e “pensação”, como sempre quis o nosso David Capistrano, descrevendo, avaliando e produzindo teoria em serviço comunitário de saúde mental no país.

“Avaliação de serviço de atenção médico-psicossocial a usuários de sistema de saúde no município de São Paulo”, 1990, foi um projeto de pesquisa financiada pelo Banco Mundial para avaliar serviços de saúde. Abrigado no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), foi também a chance de conhecer outro Silvio Yasui, arguto e persistente indagador de métodos e técnicas de investigação que nos fizessem desvendar os mistérios de uma prática recente que tanto nos inquietava: lidar com a loucura fora do manicômio. O dilema ‘quali-quant’ nos motivava ao debate, nas sessões noturnas, nas jornadas estendidas de trabalho de um técnico que não se satisfazia com as atividades assistenciais que estavam prescritas no seu contrato de trabalho e dedicava o tempo livre ao desafio do conhecimento. A vocação docente-assistencial desse Caps sempre o colocou no lugar de mestre-aprendiz, acolhendo, compartilhando, aprendendo, ensinando...

A atitude política de não se curvar ao estabelecido, participando de todas as iniciativas culturais, quer em eventos, quer em escritos, demonstrando uma trajetória coerente em defesa dos direitos humanos dos que sofrem com transtornos mentais, testemunhei muitas vezes. E essas iniciativas parecem ter estimulado muitas das questões arqueologicamente desenvolvidas neste texto.

O encontro com Paulo Amarante, autor antimanicomial brasileiro dos mais profícuos, seu orientador de doutorado na Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp), originando este livro tão oportuno, somente potencializou uma corrente de documentação do que vem se constituindo como movimento da Reforma Psiquiátrica brasileira, para a qual o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Fundação Oswaldo Cruz (Laps/Fiocruz) pacientemente amalha signos e sinais do que aconteceu no país, em tempos recentes, num esforço singular do seu criador. Agrega desta vez um olhar oriental e paulistano na construção de uma *episteme* que nos faz compreender encontros... rupturas... movimentos... políticas... práticas, tudo o que faça sentido na decifração de um movimento sem precedentes, em sua descontinuidade e persistência, na história brasileira.

O horizonte ético-político e estético desse processo civilizatório irreversível em que se constitui a Reforma Psiquiátrica brasileira encontra neste trabalho uma sistematização irrepreensível. É um autor maduro, professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Assis, que tem ensinado ao país como conduzir, a um só tempo, um trabalho acadêmico rigoroso e socialmente engajado, que o faz consistente no seu percurso teórico-técnico-político, o qual ele, generosamente, nos expõe à leitura.

O texto é precioso, denso e nos traz uma epistemologia da saúde mental brasileira, desde sua constituição, que não faz muito, até o tempo presente. Com o seu estilo firme e delicado, denuncia o mundo degradado e aviltante das instituições psiquiátricas. Mas não fica na lamentação. Vai à luta e nos traz experiências construídas com o seu envolvimento pessoal, que nos cativa pelo que de verdadeiro pode espelhar para seus leitores.

Não se iludam quando ele nos alerta para uma abordagem exploratória sobre a Reforma Psiquiátrica. Como Simão Bacamarte, o inesquecível alienista de Machado de Assis, ele percebe a distinção entre a ilha e o oceano. Faz-nos ver o quanto é precoce qualquer juízo de valor que se possa fazer sobre práticas que apenas se iniciam, torpedeadas cotidianamente por diferentes grupos de interesse que se beneficiam ou se beneficiaram com o modelo asilo-manicomial. Construímos muito pouco, sabemos menos ainda, mas longe está a certeza dos apressados que se arvoram a defender modelos somente porque a inércia, a violência e o desrespeito à humanidade dos homens a instituíram como ciência e verdade.

Há muito não temos à mão um arranjo de ideias e informações tão preciosas sobre a Reforma Sanitária brasileira, juntando o que já se escreveu sobre o tema e um testemunho sensível e particular de um militante antimanicomial que fez a Reforma por onde passou.

É tempo de celebração e leitura cuidadosa!

Ana Maria Fernandes Pitta

Professora e pesquisadora da Universidade Federal da Bahia; doutora em medicina preventiva pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em várias instituições, entre elas, na Université de Montréal